

## **Sobre identidades culturais e a experiência da cultura-mundo: aproximações e divergências entre stuart hall e gilles lipovetsky**

### **On cultural identities and the world-culture experience: approaches and divergences between stuart hall and gilles lipovetsky**

DOI:10.34117/bjdv7n4-363

Recebimento dos originais: 14/03/2021

Aceitação para publicação: 14/04/2021

#### **Vilene Dias da Costa**

Mestranda em Ensino de Humanidades e Linguagens, Especialista em Língua Portuguesa, Professora de Língua Portuguesa da SEE/AC.  
E-mail: vilene\_acre@hotmail.com.br

#### **Cleidson de Jesus Rocha**

Doutor Em Filosofia Pela Ufg (Rj). Pós-Doutorado Em Filosofia Contemporânea Pelo Programa Pesquisador Colaborador Na Fflch/Usp (2018-2019). Professor Adjunto Na Universidade Federal Do Acre/Ufac – Campus Floresta. Líder Do Grupo De Estudo Em Fundamentos Sócio-Históricos E Filosóficos Em Educação – Geshfe/Ufac.  
E-mail: cleidson.ufac@gmail.com

#### **RESUMO**

Na contemporaneidade muito se tem discutido sobre a busca da identidade. Afinal, vivemos ou não uma crise indenitária? Sempre buscou-se estabilizar a identidade dos sujeitos, deixá-la fixa, estável e permanente. Entretanto, para diversos estudiosos, como é o caso de Stuart Hall, atualmente ela está deslocada e fragmentada. Há um rompimento constante, ocasionado pelas constantes mudanças que ocorrem na pós-modernidade, essa resultante da globalização, que rompe as fronteiras, com os avanços tecnológicos. No entanto, Lipovetsky e Serroy afirmam que se vive a era do hipermoderno, e nela o mundo se organiza por meio de quatro polos, responsáveis por desenhar a fisionomia dos novos tempos, são eles: o hipercapitalismo, a hipertecnização, o hiperindividualismo e o hiperconsumo. Por conseguinte, esses princípios organizadores fizeram nascer uma *cultura-mundo* sem precedente, que resulta em uma nova relação cultural com o mundo. Assim, as questões culturais passam a ganhar uma importância e peso novo, já que passam a afetar a identidade dos povos. Neste trabalho faremos uma apresentação e discussão quanto as semelhanças e diferenças na obra de dois pensadores contemporâneos, no que diz respeito a identidade do sujeito na contemporaneidade, ressaltando as influências e eventos que intervêm na construção da identidade atual dos indivíduos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, confrontando e expondo as ideias apresentadas nas obras: *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada* de Lipovetsky e Serroy (2011) e *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* do autor Stuart Hall (2006).

**Palavras-chave:** Identidade, Globalização: Pós-modernidade, Hipermodernidade.

#### **ABSTRACT**

Nowadays, much has been discussed about the search for identity. After all, are we experiencing an indemnity crisis or not? It has always been sought to stabilize the

identity of the subjects, to leave it fixed, stable and permanent. However, for several scholars, as is the case with Stuart Hall, it is currently out of place and fragmented. There is a constant disruption, caused by the constant changes that occur in postmodernity, the result of globalization, which breaks the boundaries, with technological advances. However, Lipovetsky and Serroy affirm that the era of the hypermodern is lived, and in it the world is organized through four poles, responsible for drawing the physiognomy of the new times, they are: hypercapitalism, hyper-technology, hyperindividualism and hyperconsumption . Consequently, these organizing principles gave birth to an unprecedented world-culture, which results in a new cultural relationship with the world. Thus, cultural issues start to gain importance and new weight, since they start to affect peoples' identity. In this work, we will present and discuss the similarities and differences in the work of two contemporary thinkers, with regard to the subject's identity in contemporary times, highlighting the influences and events that intervene in the construction of the current identity of individuals. It is a qualitative bibliographic research, confronting and exposing the ideas presented in the works: *The world-culture: response to a disoriented society* by Lipovetsky and Serroy (2011) and *Cultural Identity in the Post-Modernity* of the author Stuart Hall (2006).

**Keywords:** Identity, Globalization: Post-modernity, Hypermodernity.

## 1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade muito se tem discutido sobre a busca da identidade. Afinal, vivemos ou não uma crise identitária? Sempre buscou-se estabilizar a identidade dos sujeitos, deixá-la fixa, estável e permanente. Entretanto, para diversos estudiosos atualmente ela está deslocada e fragmentada, havendo um rompimento constante, ocasionado pelas frequentes mudanças que ocorrem na pós-modernidade.

Dentre os fatores responsáveis por essa mudança está o “fenômeno da globalização”, que interfere diretamente na conceitualização da identidade cultural, tendo em vista que se espalham pelo mundo os padrões de consumo, a troca de informações e negócios. Além disso, há uma “pluralização” de identidades, essas contraditórias, que se cruzam mutuamente, pois nenhuma é capaz de alinhar todas. Isso graças aos múltiplos referentes aos quais os indivíduos são expostos.

Percebe-se que a globalização altera as características da sociedade humana. No entanto, apesar de ela provocar o deslocamento das identidades, o individualismo e o consumismo desregrado, resultado também da expansão da esfera mercantil, ela poderia, conseqüentemente, desintegrar as identidades múltiplas, provocando a homogeneização cultural, o enfraquecimento das formas nacionais, assim como a super oferta de marcas e a imensa variedade de produtos, ocasionariam a desorientação dos indivíduos e traria insegurança e instabilidade.

Outro aspecto que modifica o mundo e, inevitavelmente o homem, é o fato de a expansão mercantil levar aos quatro cantos do mundo os padrões de consumo. Isso tem como resultado, o enfraquecimento das culturas de classe e das instituições que ditavam as regras. Tem-se a partir de então, a valorização do individualismo e uma explosão do consumo, havendo uma invasão de marcas, produtos, modelos, estilos etc., que acabam desorientado o sujeito e ao mesmo tempo, acabam moldando suas escolhas e desejos.

Neste trabalho, faremos uma apresentação e discussão quanto as semelhanças e diferenças, no que diz respeito a identidade do sujeito na contemporaneidade, ressaltando as influências e eventos que intervêm na construção da identidade cultural dos indivíduos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, confrontando e expondo as ideias apresentadas nas obras: “A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada” de Lipovetsky e Serroy (2011) e “Identidade Cultural na Pós-Modernidade” do autor Stuart Hall (2006).

## **2 O SUJEITO DESCENTRADO OU DESLOCADO SEGUNDO STUART HALL**

Na obra *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* Stuart Hall (2006) dedica-se a analisar os deslocamentos e descentramentos que sofrem as identidades dos indivíduos e a dinâmica e as repercussões do surgimento de novas fontes de identificação e significação, que emergem da evolução social e tecnológica da humanidade que desembocou em um novo formato econômico e social, ao qual o mundo está atrelado, num tempo em que o autor nomeia de pós-modernidade ou modernidade tardia.

Stuart Hall parte do seguinte questionamento: afinal a identidade está em crise? Para discutir essa questão o autor recorre à descrição do lugar do sujeito, da emergência da modernidade aos dias atuais, apresentando três concepções de sujeito, como segue: a primeira é o sujeito do iluminismo, compreendido como um indivíduo totalmente centrado, unificado, pautado pela razão, estabelecendo assim, uma ligação como o que diz Descartes: “Penso, logo existo”, ou seja, orientado pelo pensamento racional, que lhe institui condições de autonomia frente ao mundo social e físico; A segunda é o sujeito sociológico que possui uma essência, mas que se transforma em contato com a sociedade. Entende-se aqui que o “eu” de cada um se desenvolve a partir da interação do indivíduo com a sociedade a qual pertence. E por fim, temos o sujeito pós-moderno. Diferentemente dos conceitos anteriores, esse sujeito não é concebido como um ser de identidade estável, e sim descentrado, fragmentado, sem certezas e perplexo diante de uma variedade de referências. Assim destaca HALL (2006):

O sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] É definido historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2006, p.13).

Ou seja, o sujeito é instável e muda o tempo todo. Da mesma maneira que o mundo passa por constantes transformações, o sujeito também. Por conseguinte, as identificações são continuamente deslocadas. Para os defensores dessa teoria as verdades absolutas caem por terra. Dessa forma, com a modernidade há uma permanente revolução, o que abala todas as condições sociais fazendo com que as incertezas sejam inevitáveis.

Assim, pode-se afirmar que o indivíduo não é indivisível, sendo passível de absorver os diversos referentes sociais com os quais ele se identificar. Na obra em questão, o autor parte da premissa que a “crise da identidade” ocorre devido as atuais mudanças estruturais que acontecem nas sociedades pós-modernas, que estão sendo descentradas e fragmentadas, esfarelando dessa forma, as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, religião, raça, nacionalidade, até então, pilares da sustentação dos sujeitos sociais, ou seja, eles não têm identidade fixa, essencial ou permanente.

Para ressaltar as mudanças que ocorrem na sociedade Hall (2006) expõe que enquanto as sociedades tradicionais tinham o passado como referência e a estabilidade como a lógica, e os vínculos eram mais profundos com grupos e instituições, as sociedades modernas têm como marca a descontinuidade e o deslocamento. As informações novas são o ponto de referência, a mudança é lógica e os laços, inclusive familiares, são mais frouxos. Ao contrário das sociedades tradicionais, onde o passado era venerado, nas sociedades modernas as práticas sociais são constantemente reformadas, a partir das informações que surgem. Segundo explicita Hall, “as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2006, p. 14).

Os modos de vida da modernidade estabelecem descontinuidades na medida que modificam os tipos tradicionais de ordem. Essa mudança ocorre tanto no plano da extensão, quanto no da intensidade. Vive-se um momento de rupturas e fragmentações internas permanentes. Dessa maneira, não se tem um centro, pois ele é constantemente deslocado ou descentrado, e não é substituído por um outro, mas por uma pluralidade

de “centros de poder”. Segundo Ernest Laclau, como aponta Hall, “as sociedades da modernidade tardia, (...), são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ isto é, identidades – para os indivíduos” (HALL, 2006, p.17).

Para Hall a fragmentação das identidades tem consequências na política, pois os sujeitos se identificam com diferentes identidades, tendo em vista que não há, *a priori*, uma única identidade que abarque todas. Então a política deve fazer uso de diversas temáticas que são importantes para diferentes parcelas da sociedade, para que dessa forma, suas propostas se tornem legítimas, porque nenhuma identidade pode alinhar todas as diferentes identidades por meio de uma “identidade mestra”. Na pós-modernidade os interesses e as identificações do sujeito são múltiplos.

Em sua obra Hall (2006) destaca ainda cinco grandes “descentramentos” que influenciam na construção do conceito de sujeito, sendo eles: o marxismo, reexplorado por Louis Althusser, ao assumir que o indivíduo somente pode agir com base nas condições sócio técnicas do momento histórico no qual se insere; Freud, por sua vez, trouxe pelo menos dois elementos importantes, um fator humano a ser considerado, que era o inconsciente – uma parte de nós que não era governada pela razão – e a concepção de uma identidade que é construída desde a infância a partir de um processo identitário constante; Saussure, com os códigos linguísticos e significados combinantes e instáveis; Foucault, com sua análise do poder disciplinar, representado pelos governos. Por fim, o feminismo militante, teórico, histórico e identitário. O movimento feminista destacou que o pessoal também é político e que há grandes construções em torno dos nossos gêneros. Todas essas teorias constituem o que Hall chama de mudança conceitual, que descentrou o sujeito iluminista da razão, detentor de uma identidade fixa e estável e expôs a forma das identidades do sujeito pós-moderno, abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas. Diante disso, para o autor não deveria se falar de identidade como uma coisa acabada e sim, em identificação, e vê-la como um processo em andamento.

O autor ressalta que com a globalização são acelerados e potencializados os contatos de diferentes culturas antes geograficamente separadas. O fato do mundo estar cada vez mais interconectado faz a compreensão de espaço-tempo mudar. Sente-se que o mundo é menor, pois eventos locais têm impactado em outras partes do globo. O tempo e o espaço também influenciam no conceito de identidade. Os lugares permanecem fixos, mas podem ser cruzados num piscar de olhos, através dos meios de

comunicação. Notadamente, a modernidade separa o espaço do lugar, ao reforçar e permitir a relação com os outros que estão “ausentes” (em termos de local), e assim os locais são penetrados e moldados por influências sociais dos mais variados e longínquos lugares.

À medida que o espaço se encolhe para se tornar uma aldeia ‘global’ de telecomunicações e uma ‘espaçonave planetária’ de interdependências econômicas e ecológicas – para usar apenas duas imagens familiares e cotidianas – e à medida em que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o aprender a lidar com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais. (HARVEY, 1989, p. 240 *apud* HALL, 2006, p. 70).

Diante desse quadro, o autor evidencia possíveis consequências da globalização, que seria a desintegração das identidades nacionais e o declínio das identidades nacionais. Entretanto, como resultado da homogeneização das culturas, emerge uma resistência a globalização, que busca reforçar as identidades locais, na tentativa de se proteger da globalização, ou seja, ao mesmo tempo que as nações querem assimilação universal, reivindicam as suas particularidades. No entanto, o que surge são novas identidades/híbridas. O autor deixa claro que, para alguns teóricos, a globalização tem enfraquecido as formas nacionais de identidade cultural, teorizando que:

As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes. Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações “globais” começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar as identidades nacionais. (HALL, 2006, p. 73).

Em detrimento a tese de homogeneização Hall (2006) expõe três contra tendências: a diferença como viés de consumo, pois o capitalismo utiliza dos meandros da diferença para expandir os mercados; a distribuição desigual da globalização, sendo que ela parte do centro para a periferia e pode ser considerada um fenômeno ocidental. Como consequências desses processos contraditórios, surgem para o autor, duas formas de reação: hibridismo - que seria o surgimento de novas identidades multireferenciais ou ainda, a retomada de identidades locais comunitárias ou nacionais, voltando a ideia de essência-tradição. Nesse cenário, fica impossível a homogeneização cultural.

### **3 UMA SOCIEDADE DESORIENTADA NA PERSPECTIVA DE GILLES LIPOVETSKY E JEAN SORROY**

Para Lipovetsky e Sorroy (2011) na obra *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*, apesar de a “globalização liberal” ser vista como fator-chave da desestabilização dos indivíduos e ser considerada uma explicação aceitável, é insuficiente. Segundo os autores, existem outros fatores que são cruciais para essa desestabilização, como destacam no seguinte trecho: “o desnorteio hipermoderno aumenta paralelamente com a excrecência do universo tecno-midiático-mercantil e com o estilhaçamento dos enquadramentos coletivos, a individualização da existência, deixando os indivíduos à mercê de si mesmos” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 31).

Sob essa ótica, o mundo hipermoderno se organiza por meio de quatro polos, responsáveis por desenhar a fisionomia dos novos tempos. São eles: o hipercapitalismo, a hipertecnização, o hiperindividualismo e o hiperconsumo. Por conseguinte, esses princípios organizadores fizeram nascer uma cultura-mundo sem precedente, que resulta em uma nova relação cultural com o mundo.

Contudo, a hipertécnica e a hipereconomia não produzem apenas um mercado racional-material; elas criam propriamente falando, uma cultura, um mundo de símbolos, de significações e de imaginário social que tem como particularidade ter se tornado planetário. E, se é preciso falar de cultura mundo, não é apenas em virtude da intensificação das trocas mercantis internacionais e da erosão das fronteiras geográficas, mas também desregulamentação global em ação em todos os campos da vida social e individual. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 32).

Vale destacar que não é somente o “capitalismo desorganizado” das trocas e das mídias que define a cultura-mundo, mas um processo generalizado de desinstitucionalização, de interconexão, de circulação e de desterritorialização, que ordenam os novos quadros de vida social, cultural e individual. Ou seja, os enquadramentos coletivos (a igreja, o socialismo, o Estado republicano, as culturas de classe, a nação, a escola), que por muito tempo funcionaram como reguladoras do mercado, recuaram. No entanto, não significa dizer que essas instituições acabaram. Elas apenas foram reestruturadas e cada vez mais são invadidas pela lógica de concorrência, competição e desempenho, que vem se tornando a pedra angular do universo social e cultural.

Ademais, o hipercapitalismo se impõe e adentra em todos os aspectos da vida humana, conduzindo as escolhas individuais, tendo em vista que as culturas de classe foram enfraquecidas. Ressalta-se ainda, que a interferência não se reduz a questão econômica, como teorizam Lipovetsky e Serroy (2011),

O triunfo do hipercapitalismo não é apenas econômico; é cultural, tornando-se o esquema organizador de todas as atividades, o modelo geral do agir e da vida em sociedade. Ele atingiu o imaginário coletivo e individual, os modos de pensamento, os objetivos de existência, a relação com a cultura, com a política e com a educação. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 38).

Sob esse viés, no mundo hipermoderno ser bem-sucedido está ligado diretamente a ganhar no mundo da competitividade latente e ganhar dinheiro, o que quebra o tabu em relação ao dinheiro. Até as profissões que tinham uma visão romântica, inscrevem sua conduta nas estruturas econômicas estabelecidas.

Além disso, a cultura hipertecnologia ilustra a ideia de cultura-mundo, pois tornou-se o elemento que faz a ligação e se infiltra em todas as dimensões da vida social, cultural e individual. A todo instante a humanidade é inundada por elementos tecnológicos, que alteram e influenciam as formas de ser e pensar, até mesmo de viver. Desde sempre a tecnologia foi motivo de esperança, como algo capaz de mudar a vida ou o mundo. Entretanto, desde 1945 a confiança na técnica desgastou-se, devido a diversos acontecimentos, dentre eles destacamos: Hiroshima, acidentes nas indústrias nucleares (Chernobyl), câncer ligado a radiação, poluição industrial, etc.

Pode-se dizer que hoje as ameaças são globais. Diante disso, a religião do progresso foi substituída pela temática dos “danos do progresso”. É notório que nunca se falou tanto nas consequências do uso irrestrito dos recursos naturais. Diante desse cenário, a desconfiança não ocorre apenas em razão dos efeitos destruidores sobre o ecossistema, mas sobre o próprio homem em suas relações com o corpo, com a experiência sensível e com os outros. Por exemplo, a internet tem colaborado para um processo de “dessocialização”. Os indivíduos estão cada vez mais próximo virtualmente, enquanto presencialmente, esses encontros se reduzem cada dia mais, como ressaltam os autores:

Assim diferentes autores afirmam que a internet constitui um perigo para os laços sociais, uma vez que, no ciberespaço, os indivíduos se comunicam permanentemente, mas se encontram cada vez menos. Na era digital, os indivíduos levam uma vida abstrata e digitalizada em vez de partilhar experiências juntos. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 45)

Sem dúvida, o individualismo não é uma invenção recente. Todavia, é com os modernos que se consagram os princípios da liberdade individual e da igualdade de todos perante a lei: o indivíduo se afirma como o referencial último da ordem democrática. Destarte as regras da vida social, a lei e o saber são construídos pelos



homens. Todavia, esta revolução não foi completa. Ainda existiam vários entraves à autonomização individual. No entanto, na era do hiperindividualismo esses entraves se rompem. O que antes era freio a individualização, foi amplamente dissipado. Dessa forma, a busca pelo prazer, a oferta sempre mais ampla de consumo e de comunicação, faz com que o indivíduo se afaste dos enquadramentos coletivos (família, Igreja, partidos políticos, moralismo). Em contrapartida há uma multiplicação de modelos de existência. Tem-se o neoindividualismo do tipo opcional, desregulado, descompartimentado e liberto das imposições.

Mas toda essa liberdade, segundo os autores, desorienta ainda mais os indivíduos. Na esfera política, por exemplo, não se reconhecem nas ideologias partidárias; na esfera familiar, que agora é plural, cada um escolhe seu modelo. A família não é mais “a instituição obrigatória e diretiva de antigamente, se metamorfoseou em instituição emocional e flexível, em laço contratual que se pode construir e reconstruir livremente” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 53). Ademais, nas relações de gênero, a mulher ganha espaço, a ideia de que o homem é o chefe da família perdeu legitimidade.

Diante do exposto, mesmo com a autonomia e liberdade conquistada, há uma tendência entre os indivíduos, na perspectiva dos autores, em experimentar uma extrema solidão:

Desvanecimento das culturas de classe, recuo do sentimento de inclusão em uma coletividade, fragilização da vida profissional e afetiva, desestabilização dos papéis e das identidades sexuais, afrouxamento dos laços familiares e sociais, enfraquecimento das orientações religiosas: todos esses fatores acentuaram fortemente a sensação de isolamento das pessoas, as crises subjetivas e intersubjetivas. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p.55).

Sob esse prisma, a cultura do hiperconsumo está estreitamente relacionada com o processo de individualização, que modifica a forma de consumir. Anteriormente pensava-se no coletivo, na família. Na era hipermoderna, o que prevalece é o desejo individual. E neste momento emerge o consumidor liberto do *éthos*, dos hábitos, das tradições de classe. Diante desse cenário, as marcas luxuosas são conhecidas e desejadas por todos os grupos e as ofertas ecoam nos quatro cantos do mundo, graças à esfera mercantil, como destacam os autores Lipovetsky e Serroy, (2011, p. 56): “se é preciso falar de cultura de hiperconsumo, é também porque a esfera mercantil tornou-se uma esfera onipresente, tentacular, ilimitada. Consume-se em toda parte, em todo lugar e a

todo momento: nos hipermercados e nas galerias, nos cinemas, nas estações, nos aeroportos”.

Assim, na era hipermoderna, a maioria foi criada em uma cultura de bem-estar, e todos aspiram usufruir do consumo, dos lazeres e das marcas. Dessa forma, aqueles que não conseguem se beneficiar vivem com um sentimento de frustração, de autodesqualificação, de fracasso pessoal. Ressalte-se que em algumas regiões, o hiperconsumo aumenta a miséria interior daqueles que vivem uma “subexistência”, pois não podem ter acesso à felicidade consumista prometida a todos. Contudo, faz-se o seguinte questionamento: o consumo traz a felicidade? Para os autores não há essa garantia, como enfatizam no seguinte trecho:

Na França, o PIB dobrou desde 1975: quem pode afirmar que somos duas vezes mais felizes? O consumo de energia, a riqueza coletiva e o nível de vida aumentam: o nível médio de felicidade não muda muito. A sociedade do hiperconsumo é do “sempre mais”, mas não há “sempre felicidade”. Os indivíduos querem ganhar sempre mais dinheiro porque a oferta mercantil não cessa de ampliar-se, mas, uma vez atingido um certo nível de renda, o sentimento de felicidade não progride mais quando surgem rendas suplementares. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 61).

A era dos “hipers” não se limita a dinâmica de individualização do Ocidente. Mesmo países mais fechados como Rússia, China, Irã etc., são influenciados pela cultura-mundo. Todavia, isso não significa que haverá a homogeneização do planeta, que irá desintegrar todos as divisões e diferenças culturais. Seja qual for o poder da globalização, ela jamais impedirá que as sociedades sejam impregnadas por suas histórias, sua língua, sua cultura, como enfatizam Lipovetsky e Serroy (2011):

Não caminhamos para um mundo em que os gostos, os modos de vida e os costumes serão idênticos, mas para culturas diferentes reestruturadas pelas mesmas lógicas do capitalismo e do tecnicismo, do individualismo e do consumismo. Não um modelo único, mas versões diferentes de uma cultura-mundo baseada no mercado, na tecnociência, no indivíduo. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 64).

#### **4 CONVERGÊNCIAS E DIFERENÇAS ENTRE STUART HALL E GILLES LIPOVETSKY**

Mediante as ponderações expostas, contata-se que os autores diferem e se assemelham em alguns aspectos. Saliente-se que enquanto Hall parte da perspectiva que o momento atual é a pós-modernidade, Lipovetsky e Serroy acreditam que vive-se a hipermordenidade, e que ao contrário do que explicita Hall que globalização e

tecnologia explicam as mudanças no modo de ser e pensar, os autores destacam que elas não são suficientes para explicar as transformações sofridas pela sociedade e o indivíduo.

Lipovetsky e Serroy (2011) buscam mostrar que no momento, a cultura é um setor econômico em plena expansão, com excesso de oferta de bens mercantis e simbólicos. Constatam que há uma cultura de exaltação da vida presente, da satisfação dos desejos e da realização pessoal do indivíduo, o que contribui para o afastamento dos enquadramentos coletivos, deixando-o ainda mais desorientado. Já Hall (2006) expõe que a fragmentação das “paisagens culturais” de classe, gênero, sexualidade, etnia, religião, raça e nacionalidade, tidos como os pilares dos sujeitos sociais contribuem para o descentramento do sujeito que perde suas bases sólidas.

Outro ponto ressaltado pelos autores Lipovetsky e Serroy (2011) é que os produtos culturais hoje são o primeiro item de exportação, portanto, deixam de afetar apenas os valores, e passam a afetar a identidade dos povos. As forças do mercado invadem todos os aspectos da vida humana: convivência, comunicação, viagens, artes, atividades lúdicas, cozinha, música, tempo livre, patrimônio, como expõem os autores: “depois do capitalismo industrial, impõe-se um capitalismo cultural, transformando áreas inteiras da vida em experiências mercantilizadas” (LIPOVETSKY; SERROY 2011, p. 111). No texto de Hall (2006), por outro lado, fica evidente que os avanços tecnológicos, atrelados a globalização, que destroem as fronteiras, modificam as identidades, pois surgem novas fontes de identificação e significação, com a alteração das identidades, que passam a ser múltiplas, porque não há uma que abarque todas. Dessa maneira, é o sujeito que decide sua identificação, que pode ser múltipla.

Além disso, Lipovetsky e Serroy (2011) descartam a possibilidade de uma padronização planetária de produtos, gostos, imaginário e modos de vida. Mesmo tendo um consumidor transnacional, ou seja, que deseja as mesmas marcas, independente da parte do mundo em que esteja, e se comporta segundo os padrões, os estudiosos não acreditam na homogeneização, pois há, segundo eles, limites para a cultura-mundo, quer dizer, mesmo as empresas multinacionais são obrigadas a observar as particularidades nacionais e fazer adaptações de acordo com o país em que são instaladas. Assim, como Lipovetsky e Serroy (2011) e Stuart Hall (2006) expõem que a globalização faz emergir movimentos de resistência, que fortalecem as identidades locais e particulares, e as diferenças dos povos que formam uma determinada nação. Sendo assim, Lipovetsky e Serroy (2011) chegam à conclusão de que a globalização e a expansão mercantil não

produzem só a homogeneização; elas criam o heterogêneo, a diversidade, a individualização, por meio da explosão de marcas que surgem a todo instante.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indubitável que a globalização, a tecnologia e expansão mercantil transformam e tendem a continuar modificando a sociedade, e, inevitavelmente, o homem. Elas fizeram cair por terra todas as fronteiras. Sendo assim, todos os produtos culturais produzidos podem ser distribuídos no mundo inteiro. A troca entre as nações e seus povos é mais intensa, o que corrobora para mudanças em diversas instâncias da sociedade, inclusive no modo de ser. Compreende-se que o homem não é mais visto como uma criatura completa e acabada, mas sim, um todo incompleto e são as suas identificações que vão completar esse vazio.

Ademais, fica nítido que o ser humano tem a sua disposição uma gama infinita de identidade e tem liberdade para realizar suas escolhas, e não são mais obrigados a se enquadrar às paisagens culturais determinadas pela família, igreja, política etc., que por muito tempo, ditaram aos sujeitos, como eles deveriam ser e agir. Há sem dúvida, na contemporaneidade, uma valorização da individualidade. No entanto, mesmo com tanta liberdade, o sujeito ainda parece desorientado e fragmentado, talvez pela multiplicidade de possibilidades apresentadas, tanto de identidades, como de marcas, produtos, partidos etc.

É inegável que a pós-modernidade ou hipermodernidade tem proporcionado um processo vivo e dinâmico, que interfere nos modelos de vida, nos padrões de comportamento e nas linguagens, levando a cultura a estar em permanente adaptação. Por isso, a cultura e a representação das sociedades não têm traços uniformes e unânimes, haja vista que, a todo instante, as identidades culturais se deslocam, entrecruzam-se e modificam-se.

Contudo, ao mesmo tempo que a modernidade avança e protagoniza mudanças benéficas, ela destrói e deixa o caos por onde passa, já que traz com ela muitas incertezas e situações impossíveis de controlar. Vale destacar ainda, que a hipermodernidade produz desordem, devido a abundância e o imediatismo. Nunca se teve tantos produtos e informações, e se foi tão desinformado e desorientado. Mesmo a tecnologia, que proporcionou tantas descobertas extraordinárias, tem produzindo incontáveis problemas e dado outra dimensão para os que já existiam, uma dimensão planetária.

## REFERÊNCIAS

LIPOVETSKY, Gilles; SORROY, Jean. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorienta. São Paulo: Companhia das letras, 2011

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.